

A LIBRAS COMO SISTEMA VISUO-ESPACIAL-CORPÓREO E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE GARDNER: UMA ABORDAGEM PLURAL DA COGNIÇÃO HUMANA

Edmarcius Carvalho Novaes
Doutor em Ciências Humanas (UFSC). Professor e pesquisador no Mestrado em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: edmarcius.novaes@univale.br

Valdiléia Ayres Brandão Pereira
Professora de Libras no Centro Universitário do Leste de Minas (UNILESTE). Mestranda em Gestão Integrada do Território – Universidade do Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: valdileia.pereira@univale.br

Resumo

Este artigo analisa como a Libras, enquanto língua visuo-corpóreo-espacial, mobiliza simultaneamente diferentes inteligências múltiplas durante a produção e compreensão de enunciados. A partir de uma revisão teórica e da análise de mecanismos gramaticais como classificadores, ação construída e iconicidade estruturada, demonstra-se que a Libras opera por integração de habilidades cognitivas: espacial, corporal-cinestésica, linguística, lógico-visual, em vez de acioná-las de forma isolada. Dialogando com Gardner, Albres, Bernardino e Sutton-Spence, o estudo argumenta que a estrutura da Libras ultrapassa as fronteiras das inteligências propostas originalmente, revelando um tipo de operação cognitiva híbrida. Defende-se, assim, a hipótese de uma inteligência visuo-espacial-corpórea, constituída na articulação entre corpo, espaço e visão, e que se manifesta tanto na gramática quanto nas práticas pedagógicas da língua. Conclui-se que metodologias de ensino corporificadas, teatrais e visualmente orientadas são não apenas adequadas, mas coerentes com o funcionamento cognitivo da Libras, aproximando língua, cultura e percepção em um mesmo processo formativo.

Abstract

This article examines how Libras, as a visuo-corporeal-spatial language, simultaneously mobilizes multiple intelligences during the production and interpretation of discourse. Drawing on a theoretical review and the analysis of grammatical mechanisms such as classifiers, constructed action, and structured iconicity, the study shows that Libras integrates spatial, bodily-kinesthetic, linguistic, and visual-logical abilities rather than activating them separately. Engaging authors such as Gardner, Albres, Bernardino, and Sutton-Spence, the article argues that Libras exceeds the boundaries of the intelligences originally proposed, revealing a hybrid cognitive operation. It proposes the existence of a visuo-spatial-corporeal intelligence, emerging from the articulation of body, space, and vision and expressed across the grammar and pedagogy of the language. The study concludes that embodied, theatrical, and visually oriented teaching methodologies are not only adequate but aligned with the cognitive nature of Libras, bringing language, culture, and perception into a unified learning process.

Palavras-chave: Libras, Inteligências Múltiplas, Cognição Visuo-Corpóreo-Espacial.

1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é apenas “uma língua com as mãos”. Ela organiza o sentido de modo diferente: por visão, por corpo, por espaço. Em Libras, significados se formam pela configuração das mãos, pelo movimento, pela localização no espaço, pela orientação e pelas expressões não manuais. Esses elementos se combinam, muitas vezes ao mesmo tempo, e produzem enunciados tridimensionais que mobilizam visão, corpo e espaço como componentes centrais da comunicação. Autores como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2007) e Ribeiro (2021) têm mostrado com clareza que essa modalidade não é um mero canal alternativo; é um modo próprio de fazer linguagem e pensamento.

Essa particularidade abre um problema teórico que nos interessa de perto. A Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner deu-nos um mapa útil para pensar a pluralidade das capacidades humanas: espacial, corporal-cinestésica, linguística, interpessoal, mas foi formulada num contexto fortemente marcado por línguas orais. As línguas de sinais ficaram à margem daquele horizonte inicial. Então, surge a pergunta: será que o modelo de Gardner consegue abarcar uma língua cuja gramática se realiza simultaneamente na visão, no corpo e no espaço? Ou precisamos de um conceito suplementar que traduza essa complexidade?

A hipótese que conduz este artigo é simples e, ao mesmo tempo, ousada: a Libras ativa uma forma de cognição híbrida, que propomos chamar, provisoriamente, de inteligência visuo-espacial-corpórea. Não se trata de rejeitar Gardner, é, antes, sugerir que a experiência visuo-corpóreo-espacial exige uma categoria teórica que reconheça operações cognitivas integradas: processos que mobilizam, em simultâneo, raciocínio espacial, controle corporal, elaboração linguística e sensibilidade interacional.

Metodologicamente, o trabalho é teórico-conceitual. Baseamo-nos em uma revisão bibliográfica sistemática (2004–2024) que selecionou um conjunto de estudos centrais sobre gramática da Libras: classificadores, iconicidade, ação construída e implicações cognitivas. A análise procura, passo a passo, mostrar como classificadores, ação construída e iconicidade estruturada não apenas descrevem fatos linguísticos: eles escancaram modos de processamento cognitivo que tensionam os limites do arcabouço clássico das inteligências múltiplas.

O artigo segue esta lógica: primeiro, apresento a fundamentação teórica, os fundamentos linguísticos da Libras e os pontos-chave da teoria das inteligências; em seguida, desenvolvo a análise que conecta mecanismos gramaticais da Libras às operações cognitivas integradas; por fim, discuto implicações para teoria e prática, sobretudo no campo educacional e na investigação interdisciplinar.

Em poucas palavras: se a Libras nos mostra uma forma de pensar que nasce do corpo e do espaço, então as nossas teorias sobre cognição também precisam escutar essa voz e, quem sabe, ampliá-la.

2. Fundamentação Teórica

A Libras é uma língua plena, complexa, e inteiramente ancorada na modalidade visuo-espacial-corpórea (RIBEIRO, 2021). Sua gramática se organiza por mecanismos que não só mobilizam o corpo e o espaço, mas os transformam em matéria linguística: classificadores, ação construída, iconicidade. Como lembram Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2007), é nessa articulação entre sinal, visão e movimento que a língua se realiza e ganha potência expressiva. Ao aproximarmos esses processos da Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1983), encontramos um terreno fértil para compreender o que acontece cognitivamente quando alguém sinaliza — e quando

compreende o que é sinalizado.

Compreender a Libras é, antes de tudo, reconhecer que ela se constroi no corpo. Seus parâmetros: configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais, não funcionam como simples unidades formais, desconectadas da experiência. Eles são, na prática, operadores cognitivos que acionam percepção visual, memória espacial e controle motor refinado. Quadros e Karnopp (2004) observam que a língua se projeta no espaço e, ao mesmo tempo, o reorganiza. O sinalizante literalmente distribui sentido no ar, compondo uma espécie de topografia discursiva na qual cada ponto tem função e valor.

Esse espaço, portanto, está longe de ser um palco vazio. Ele é tecido e re-tecido a cada enunciado. O corpo se torna eixo de orientação, definindo distâncias, direções, perspectivas e a posição relativa dos referentes. Felipe (2007) e Ribeiro (2021) mostram que essa espacialidade não é acessória; ela é constitutiva da gramática. Ela organiza a enunciação e condiciona o modo como a narrativa se desenvolve, alternando papéis, posições e ângulos de visão.

Duas estruturas ajudam a visualizar essa dinâmica: os classificadores e a ação construída. Os classificadores permitem representar entidades por meio de formas manuais que condensam características físicas, comportamentais ou dinâmicas — como se a mão esculpisse, em miniatura, uma ideia. Já a ação construída desloca o corpo inteiro para dentro da cena. Nela, o sinalizante encarna personagens, manipula objetos imaginários e vivencia a narrativa por dentro, assumindo simultaneamente o papel de narrador e participante (BERNARDINO et al., 2021). Em ambos os mecanismos, não se trata apenas de expressar algo; trata-se de pensar com o corpo.

Quando essa arquitetura linguística é colocada ao lado da Teoria das Inteligências Múltiplas, algumas perguntas emergem quase naturalmente. Gardner (1995) descreve inteligências relativamente autônomas: linguística, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, mas a Libras parece desafiar essas fronteiras. Como classificar uma língua cuja sintaxe depende do deslocamento corporal? Ou que organiza narrativas distribuindo referentes pelo espaço, como quem desenha uma cena no ar? A Libras parece operar justamente no ponto onde essas inteligências se cruzam, se articulam e, por vezes, se confundem.

É nesse entrelaçamento que se apoia a fundamentação teórica deste artigo: de um lado, a natureza visuo-corpóreo-espacial que estrutura a Libras; de outro, os limites e as potencialidades da teoria de Gardner para compreender uma língua que, ao mesmo tempo em que é linguagem, é sinal, é percepção visual e é movimento. Aqui, teoria linguística e teoria cognitiva caminham juntas para iluminar um fenômeno que escapa a classificações simples.

3. Desenvolvimento do Tema

A análise do corpus mostra que os recursos gramaticais da Libras acionam uma sinergia sofisticada entre diferentes dimensões cognitivas. As inteligências: espacial, corporal-cinestésica, visual e linguística, não atuam isoladamente. Elas se entrelaçam, respondem umas às outras e constroem sentido de maneira conjunta, como partes de um mesmo mecanismo em movimento. Na prática, o que vemos é uma língua que pensa com o corpo, organiza com o espaço e elabora com a visão.

Quando observamos a Libras em situações reais, como em uma explicação espontânea, numa narrativa breve, numa conversa cotidiana, essa característica se torna ainda mais evidente. Não há fragmentação, não há divisão rígida entre forma e significado. Há um modo de raciocínio que funciona por integração, em que cada elemento participa da construção do enunciado. É nesse entrelaçamento que os classificadores, a ação

construída e a iconicidade estruturada ganham potência e revelam a singularidade cognitiva da língua.

3.1 Classificadores: quando o pensamento se materializa nas mãos

Os classificadores são mais do que simples configurações manuais. Eles funcionam como pequenas ferramentas cognitivas capazes de representar entidades por meio de traços como forma, tamanho, orientação ou movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004). Para utilizá-los com precisão, o sinalizante precisa fazer algo que vai muito além de mover as mãos: é necessário converter a percepção do mundo em uma modelagem espacial articulada, quase como se o pensamento precisasse ganhar corpo antes de se tornar linguagem. O sinal nasce na visão, organiza-se no corpo e encontra no espaço o lugar onde se torna significado.

Bernardino descreve esse espaço com uma precisão que ajuda a visualizar o processo:

“[...] o espaço neutro ou a localização física à frente do sinalizador é utilizado para a realização das construções gramaticais com verbos espaciais e de concordância, e também para a realização de construções usando classificadores” (BERNARDINO, 2012, p. 252).

Esse espaço, portanto, não é um vazio. É um campo de ação, uma superfície de projeção onde objetos são imaginados, reduzidos, ampliados ou reorganizados para existir linguisticamente.

Um exemplo ajuda a tornar isso palpável. Ao usar a configuração de mão em “B”, com a palma voltada para baixo, para representar um carro desviando de um obstáculo, o que o sinalizante faz não é uma imitação mecânica do mundo real. Há imaginação visual ali, a capacidade de ver o movimento antes de executá-lo, há também, coordenação corporal fina para traçar a trajetória, além do raciocínio espacial para organizar referentes e deslocamentos. A mão não copia o mundo: ela o recria. Ela constrói, em pleno ar, uma maquete conceitual em miniatura, que o interlocutor reconstrói mentalmente. É língua, mas também é modelo mental.

Esse ponto nos leva a uma questão recorrente: como diferenciar esse processo da mímica? Gardner, ao discutir a inteligência corporal-cinestésica, descreve o trabalho do mímico afirmando que ele precisa “delimitar, através de gestos, a forma do objeto e denotar, através de expressões faciais e ações corporais, o que este objeto está fazendo e os efeitos que exerce sobre ele” (GARDNER, 1994, p. 161). À primeira vista, a aproximação parece justa: tanto o mímico quanto o sinalizante recorrem ao corpo para produzir sentido. Mas a semelhança para rapidamente.

A mímica nasce de um impulso expressivo, teatral, geralmente improvisado, e não está submetida a regras gramaticais que organizam sua produção. Como relata Mascarenhas, ela é

“a imitação de animais ou de pessoas, dos seus gestos e comportamento a mímica representava tipos característicos das comunidades, a partir da caricatura e de um olhar grotesco sobre o imitado, vincula à criação artística, a uma recriação das imagens do mundo” (Mascarenhas, 2020, pags.41;42).

Já na Libras, especialmente na gramática dos classificadores, cada sinal se articula dentro de um sistema linguístico robusto, com parâmetros fonológicos, regras

morfossintáticas, processos derivacionais, mecanismos de concordância e convenções compartilhadas pela comunidade surda. O corpo, aqui, não é o fim e sim, o meio pelo qual a língua se realiza.

Enquanto o mímico procura reproduzir visualmente a aparência de algo, construindo imagens de objetos ou situações imediatamente reconhecíveis pelo espectador, em um processo de substituição da palavra falada pelo gesto (Mascarenhas, 2020), o sinalizante manipula relações espaciais, referenciais gramaticais e movimentos que carregam funções linguísticas específicas. Não se trata apenas de expressividade, mas de estrutura. Não se trata apenas de encenação, mas de sintaxe. São operações cognitivas de natureza distinta.

Por isso, mesmo quando o corpo aparece como elemento central, o que se passa na ação de sinalizar é uma operação corporal-cinestésica sofisticada, na qual a configuração das mãos, a trajetória do movimento, a orientação espacial, o ritmo e a distribuição dos referentes trabalham como engrenagens de um mesmo sistema.

Em outras palavras: a mão que sinaliza não imita, ela pensa. Ela cria. Ela produz uma língua.

3.2 Ação construída: o corpo que narra e interpreta

A ação construída aprofunda a maneira como a Libras organiza a perspectiva na narrativa, deslocando o corpo para o centro da construção do significado. Como observam Bernardino et al. (2020), esse recurso permite ao sinalizante assumir diferentes pontos de vista por meio da corporeidade, articulando camadas de representação espacial que se entrelaçam na cena narrada. Não se trata de um gesto teatral ou de uma encenação ocasional: trata-se de um mecanismo linguístico com regras, convenções e funções discursivas definidas, sendo um modo de organizar a experiência que transforma o corpo em ferramenta narrativa.

Bernardino (2020), retomando Perniss (2007), distingue duas formas centrais de perspectivização nas línguas de sinais. A primeira é a *perspectiva do personagem*, na qual o sinalizante se insere no evento representado e assume, com o próprio corpo, a postura, a intenção e a atuação da figura descrita. O espaço ao redor ganha tamanho real, e a narrativa se constrói como se o corpo funcionasse como porta de entrada para a cena. Basta imaginar alguém reconstruindo uma discussão: o tronco se inclina para marcar cada falante, o olhar troca de direção para indicar turnos, a expressão facial expressa tensão ou concordância. Não é uma descrição à distância; é uma vivência corporal do discurso.

A outra possibilidade é a *perspectiva do observador*, em que o sinalizante mantém distância conceptual da cena. Em vez de “entrar” no acontecimento, ele o manipula externamente, como quem movimenta figuras em miniatura diante do corpo. Bernardino (2020) compara esse tipo de construção ao trabalho de um manipulador de marionetes: o espaço neutro torna-se o palco em que personagens, deslocamentos e ações são organizados de modo externo, com o narrador observando tudo a partir de fora. O corpo, nesse caso, não encarna o personagem, e sim, estrutura o espaço da narrativa.

É importante destacar que nada disso é improvisado. Bernardino (2020) é enfática ao afirmar que a ação construída não se confunde com gestos espontâneos ou movimentos livres. Ela segue regras formais que orientam como o corpo deve representar ações e atitudes dentro das convenções da Libras. Cada gesto tem função gramatical; cada movimento cumpre um papel na organização narrativa. A autora descreve uma cena emblemática: alguém relata uma pessoa correndo por uma rampa e saltando na água. Os braços simulam o impulso, o tronco inclina para marcar a direção, o rosto acompanha a intensidade da ação, porém o corpo não se desloca fisicamente. Quem avança não é o corpo do narrador, mas o *classificador de entidade*, que assume o movimento da

personagem. Assim, corpo e classificador atuam em parceria, cada qual responsável por uma camada do significado.

A força expressiva da ação construída se torna ainda mais evidente quando colocada em diálogo com as contribuições de Sutton-Spence (2024). A autora descreve esse recurso como uma forma de *cinematografia corporal*, em que o sinalizante age simultaneamente como câmera e ator. Estudos sobre cinematografia em línguas de sinais mostram paralelos marcantes entre a gramática visual do cinema e a organização das narrativas sinalizadas. Artistas de Libras constroem histórias “como se tivessem uma câmera em mente”: alternam ângulos, mudam distâncias, criam efeitos de close, panorâmica, plano médio ou longo. Essa manipulação visual permite alternar rapidamente entre a perspectiva do narrador e a das personagens, produzindo zooms, desacelerações, cortes e transições de ponto de vista.

No gênero artístico *Visual Vernacular*¹ (VV), esses recursos chegam ao extremo. Ali, o artista modela cenas tridimensionais inteiras, desloca-se entre personagens com fluidez, recria mudanças de foco, alterna velocidades e constrói efeitos equivalentes à edição cinematográfica, isso tudo com o corpo como ferramenta narrativa. A cena surge diante dos olhos sem deixar de ser linguagem.

Em conjunto, esses elementos mostram que a ação construída é uma engrenagem central da Libras. Ela não apenas descreve eventos: ela produz experiência. Transforma o corpo em palco, a perspectiva em escolha discursiva e o espaço em território significativo. É nessa articulação fina, entre corpo, visão e gramática, que a Libras revela um modo singular de organizar o pensamento, rompendo com a linearidade típica das línguas orais e ampliando o campo das possibilidades da linguagem humana.

Essa dimensão performativa, apresentada sob várias perspectivas, no entanto, não se sustenta sozinha. Toda essa expressividade só é possível porque a Libras opera a partir de uma lógica visual que antecede e atravessa a ação construída. É nesse ponto que a iconicidade se torna essencial: ela fornece o alicerce cognitivo e estrutural que transforma imagens mentais em forma linguística. Se a ação construída evidencia o corpo em movimento como instância narrativa, a iconicidade mostra de onde esse movimento nasce e como é gramaticalizado na língua. Em outras palavras: compreender a iconicidade é compreender o fundamento visuo-corpóreo-espacial que permite à Libras tudo o que foi descrito até aqui.

3.3 Iconicidade estruturada: quando a visualidade organiza o sentido

A iconicidade estruturada é um dos pilares da gramática visuo-corpóreo-espacial da Libras. Albres et al. (2023) lembram que ela não é apenas uma característica estética, mas o princípio organizador das línguas de sinais, sendo uma força que orienta como o significado ganha forma na modalidade gesto-visual. Trata-se da propriedade que permite que muitos sinais apresentem semelhanças perceptíveis com os conceitos que representam, aproximando forma, movimento e espacialidade de seus referentes. Quadros e Karnopp (2004) sintetizam essa ideia de modo preciso: “a iconicidade reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente”. Nesse sentido, a iconicidade funciona como um mecanismo cognitivo que articula inteligência espacial, lógica linguística e memória visual. É ela que permite que ideias sejam convertidas em sinais de maneira profundamente motivada, como destaca Albres et al. (2023), ao afirmar que a iconicidade é a própria “essência de uma gramática visual-espacial”.

Esse princípio, porém, não é homogêneo entre as línguas de sinais. Pereira e Limberti

¹ O *Visual Vernacular* (VV) é uma forma artística da Libras que utiliza recursos visuais e expressivos da língua para criar narrativas tridimensionais, combinando elementos teatrais, miméticos e poéticos característicos da cultura surda.

(2019) observam que o grau de iconicidade varia entre comunidades surdas, pois depende tanto das estratégias linguísticas quanto das referências culturais de cada país. Albres (2013, p. 26) aprofunda essa discussão ao afirmar que “a iconicidade é a propriedade das palavras ou dos sinais de tomar como base para sua criação as características físicas do referente [...] ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente”. Ao mesmo tempo, lembra que toda iconicidade é motivada e convencional: a comunidade escolhe certos traços visuais para transformar em forma linguística, guiada por sua própria história e por seus repertórios culturais. Assim, mesmo quando duas línguas de sinais compartilham um referente, a forma do sinal pode variar porque cada comunidade vê, valoriza ou reconhece aspectos distintos do mesmo objeto.

Essa compreensão se torna ainda mais robusta quando consideramos as contribuições de Xavier e Ferreira (2021). Com base no Modelo de Construção Analógica de Taub (2001), os autores argumentam que a iconicidade não se restringe a um grupo isolado de sinais: ela permeia todos os processos morfológicos da Libras. Isso inclui mecanismos sequenciais semelhantes aos das línguas orais, mas também processos exclusivos da modalidade visuo-corpóreo-espacial, como as estruturas simultâneas. Em muitos casos, o acréscimo de material fonológico, como mais dedos, maior amplitude, movimento expandido, está ligado ao aumento da complexidade semântica, evidenciando a motivação icônica que rege a língua: mais forma para expressar mais significado. Além disso, alterações de parâmetros fonológicos, como orientação e movimento, funcionam como estratégias produtivas de derivação, quase sempre ancoradas em relações visuais com o referente.

Uma das contribuições mais marcantes do estudo de Xavier e Ferreira (2021) está na análise do nível sublexical, mostrando que a iconicidade está inscrita nas partes internas do sinal. O exemplo do sinal *Aedes aegypti* é emblemático: cada configuração de mão foi selecionada porque representa visualmente elementos do inseto: corpo, patas e aparelho bucal. Nesse processo, como explica Taub (2001), o conceito passa por etapas de seleção, esquematização e codificação, transformando imagens mentais em estruturas gramaticalizadas. É o que os autores chamam de iconicidade profunda: não apenas forma superficial semelhante ao referente, mas um alinhamento conceitual entre imagem mental e estrutura fonológica.

Assim, seja na representação do tronco e da copa no sinal de *árvore*, seja em processos derivacionais complexos, seja na formação sublexical de sinais técnicos, o que se evidencia é que a iconicidade não é uma imitação desprezível. Ela é pensamento visual condensado em sinal, articulando percepção, cultura e gramática para formar um sistema coerente de criação de sentido.

Essa visão se torna ainda mais ampla quando aproximamos a discussão das contribuições de Cuxac, retomadas por Albres (2023). Neste enquadramento, as expressões altamente icônicas aparecem como formas específicas de enunciação em que o sinalizante não apenas nomeia um referente, mas reconstrói a cena de modo visual no espaço diante de si. Esse efeito emerge por meio das chamadas transferências: Transferência de Forma e Tamanho (TF), Transferência de Pessoa (TP) e Transferência de Situação (TS), nas quais o espaço é reorganizado para dar vida a personagens, objetos e situações inteiras. Aqui, a relação entre forma e significado torna-se ainda mais evidente: o aumento do material fonológico coincide com o aumento da densidade semântica, reafirmando a máxima de que, na Libras, mais forma significa mais sentido.

Quando articuladores corporais, espaço tridimensional e processos morfológicos simultâneos convergem: composição, reduplicação, manipulação icônica, torna-se visível a base visuo-corpóreo-espacial que sustenta a língua. É esse conjunto, integrado e dinâmico, que confirma que a iconicidade é não apenas um traço marcante, mas a

força organizadora da Libras, estruturando sua gramática e dando forma ao pensamento visual que a atravessa.

3.4 O ensino de Libras a partir de metodologias visuo-corpóreo-espaciais

O estudo dos classificadores, da ação construída e da iconicidade na Libras provoca uma reflexão sobre as metodologias educacionais. Ensinar Libras exige uma mudança profunda no modo de conceber o próprio ato de ensinar uma língua. Não basta apresentar listas de sinais ou conduzir aulas baseadas em repetições mecânicas: a Libras é uma língua que se organiza *no* corpo e *pelo* corpo, e cuja gramática se materializa no espaço tridimensional. Por isso, metodologias que privilegiem a modalidade visuo-corpóreo-espacial deixam de ser apenas preferíveis, e tornam-se imprescindíveis. Elas colocam o corpo no centro da produção linguística, convidando o aprendiz, seja surdo ou ouvinte, a transformar percepção visual em sinal e sinal em sentido.

Essa compreensão é sustentada pela Linguística Cognitiva e pela teoria da cognição corporificada discutidas por Silva e Machado (2025), inspiradas na formulação clássica de Lakoff e Johnson (1999). A ideia fundamental é simples, mas transformadora: a mente não está separada do corpo; ela emerge das experiências sensoriais que moldam nossa relação com o mundo. Em Libras, essa noção se torna evidente de imediato. Cada movimento, cada expressão facial, cada orientação corporal carrega uma camada de significado. O aprendiz, por isso, não pode apenas “copiar sinais”; ele precisa incorporá-los, torná-los parte de sua organização perceptiva. O professor, nesse processo, funciona quase como um diretor de cena, guiando o corpo para que forma e sentido se ajustem de maneira precisa, sensível e culturalmente situada.

É nesse terreno que a prática teatral aparece como aliada natural do ensino de Libras. Cunha(2023), apresenta o teatro como uma das estratégias para dar base para o ensino da Libras, pois este parte do corpo. Ao articular teatro e educação, mostra que o teatro trabalha exatamente com aquilo que a Libras exige: gesto intencional, expressividade, consciência espacial e domínio do corpo. Em exercícios improvisados, o foco deixa de ser a palavra e passa a ser a ação, rompendo assim, com o risco do português sinalizado. O gesto teatral ganha autonomia, como na Libras, e o aluno aprende a produzir sentidos por meio do corpo. Os jogos dramáticos aguçam a percepção espacial e treinam o olhar atento, habilidades essenciais em uma língua que ergue sua sintaxe no espaço. Além de técnica, o teatro permite mergulhar na cultura surda e na sua lógica visual, um repertório que nenhuma metodologia puramente teórica consegue fornecer.

As dinâmicas comunicacionais cumprem função semelhante ao aproximar o ensino de situações reais de uso. Elas criam ambientes de interação onde o aluno precisa negociar significados, ajustar parâmetros, explicar ideias e reagir ao outro. Nessas práticas, o professor observa expressões não manuais, variações de ponto de vista, organização espacial e precisão dos parâmetros, elementos que, em metodologias tradicionais, permanecem invisíveis. Não se trata apenas de praticar vocabulário, mas de desenvolver um habitus visual, condição indispensável para alcançar fluência em uma língua visuo-corpóreo-espacial.

As pesquisas sobre aquisição de ASL entre adultos ouvintes reforçam empiricamente esse caminho. Morett (2015) demonstra que o aprendizado de sinais é mais eficaz quando o aluno realiza fisicamente o sinal, ativando o sistema motor, do que quando apenas observa ou imagina o referente. Sinais icônicos também apresentam maior retenção justamente por estabelecerem um elo direto entre forma e significado. Além disso, sinais relacionados semanticamente são lembrados com mais facilidade do que aqueles agrupados por critérios fonológicos. Em outras palavras, metodologias que ativam ação, iconicidade e imaginação visual alinham-se de forma natural às demandas cognitivas das línguas de sinais.

Esse enfoque corporal aparece também no estudo de Graham e Tobin (2019), ao analisar o desenvolvimento de um habitus corporal surdo em crianças de pré-escolas bilíngues. Para os autores, aprender Libras não é apenas adquirir léxico e gramática; é internalizar normas culturais como olhar fixo, estratégias de elicitación de atenção, atenção conjunta, expressões faciais e postura corporal. São essas normas que orientam a percepção visual do mundo e moldam a identidade surda desde cedo. Quando o docente incorpora essas práticas, ele não somente ensina uma língua, mas também apoia a formação de corpos que significam no espaço, corpos que pensam visualmente, corpos que se tornam agentes sociais.

Considerando esse conjunto de evidências, torna-se mais fácil compreender por que metodologias tradicionais são insuficientes. Ensinar Libras apenas com explicações teóricas equivale a ensinar sobre escultura por meio de palestras sobre argila. A língua de sinais, sendo tridimensional, exige prática, manipulação do espaço, ajustes corporais finos, atenção ao detalhe visual e sensibilidade estética. Dinâmicas comunicacionais e práticas teatrais funcionam como levar o aluno para a oficina: ali estão a argila (os sinais), as ferramentas (os parâmetros) e o olhar atento do professor, que intervém no instante certo para ajustar mão, direção, expressão e ritmo.

Essa dimensão estética ganha ainda mais força quando aproximada da noção de transcrição, discutida por Silva e Machado(2025). Traduzir metáforas, como “está chovendo canivetes”, exige recriar efeitos, não reproduzir palavras. Em Libras, isso se faz com expressões faciais marcantes, movimentos intensificados, uso criativo do espaço. Ensinar essa dimensão implica formar aprendizes sensíveis à estética da língua, capazes de ir além do literal, de experimentar, de compor imagens que carregam emoção e sentido.

Reunindo essas contribuições: teatro, dinâmicas, cognição corporificada, iconicidade, habitus surdo, transcrição, torna-se evidente que o ensino de Libras precisa ser ativo, visual e profundamente corporal. A sala de aula deve funcionar como um laboratório perceptivo, um espaço de criação onde movimento, percepção e representação se entrelaçam para produzir linguagem.

Essa articulação entre corpo, espaço e visão não é apenas escolha metodológica. Ela traduz o funcionamento cognitivo específico da Libras. A língua convoca, simultaneamente, operações espaciais, corporais e linguísticas, sendo um tipo de pensamento que não cabe por completo nas categorias tradicionais propostas por Gardner. É desse entrecruzamento que surge a hipótese deste estudo: a existência de uma *inteligência visuo-espacial-corpórea*, uma forma híbrida de cognição que nasce da experiência gesto-visual e que precisa ser reconhecida como chave para compreender a aprendizagem e o ensino das línguas de sinais. Assim, metodologias corporificadas e visuais deixam de ser apenas didáticas eficientes e passam a ser respostas coerentes à própria natureza cognitiva da Libras.

4. Considerações Finais

A análise realizada ao longo deste estudo permite reconhecer que a Libras não é apenas uma língua cuja modalidade é distinta da oralidade, e sim, um sistema complexo que articula corpo, visão e espaço em níveis profundos, produzindo uma forma singular de organizar o pensamento. Ao percorrer seus mecanismos gramaticais: classificadores, ação construída e iconicidade estruturada, tornou-se evidente que a Libras mobiliza simultaneamente diferentes capacidades cognitivas: espacial, cinestésica, lógico-estrutural, imagética, narrativa. Essa convergência não é acidental; é constitutiva do modo como a língua funciona. Em suas formas mais cotidianas ou mais artísticas, a Libras se estrutura como um campo de criação visual onde o corpo é linguagem e o espaço é sintaxe.

As evidências discutidas revelam que a Libras opera com uma gramática que não fragmenta percepção, cognição e ação. Ao contrário, integra essas dimensões em um fluxo contínuo. A ação construída, por exemplo, não se limita a representar personagens por meio do corpo; ela reorganiza perspectivas, articula pontos de vista e produz efeitos narrativos que lembram mecanismos cinematográficos. Já a iconicidade estruturada, longe de ser simples mimese, emerge como força organizadora da morfologia e do léxico, sustentando processos de derivação e composição e aproximando forma e significado como partes de uma mesma operação cognitiva. O pensamento visual, assim, não é apenas um recurso expressivo da Libras, mas sua própria base estrutural.

Essa constatação nos reconduz a Gardner. Se, por um lado, sua teoria das inteligências múltiplas abriu um campo fértil para compreender diferentes modos de funcionamento cognitivo, por outro, ela não prevê um tipo de inteligência capaz de explicar plenamente o que ocorre quando alguém sinaliza em Libras. As experiências descritas neste artigo, a manipulação espacial fina, a coordenação corpo-espaço, a criação de imagens mentais complexas, o raciocínio simultâneo, a encenação linguística, ultrapassam os limites da inteligência espacial e da cinestésica, tal como formuladas originalmente. No encontro entre essas duas inteligências e a dimensão estritamente linguística, parece surgir algo que não cabe nas categorias existentes.

É nesse entrelaçamento que se sustenta a hipótese da *inteligência visuo-espacial-corpórea*. Não se trata de uma mera soma de habilidades, mas de uma forma de pensamento que emerge especificamente na experiência gesto-visual das línguas de sinais. Uma inteligência que se organiza pela visualidade, mas que precisa do corpo para existir; que depende do espaço, mas se realiza linguisticamente; que exige simultaneamente percepção refinada, sensibilidade estética, atenção conjunta, domínio corporal e capacidade narrativa. Considerá-la como uma inteligência legítima não é apenas um exercício teórico: é reconhecer que usuários de línguas de sinais mobilizam, cotidianamente, operações cognitivas que ainda não foram completamente nomeadas ou compreendidas pelos modelos tradicionais.

Por fim, as discussões sobre ensino reforçam a necessidade de abordagens metodológicas que respeitem a natureza visuo-corpóreo-espacial da Libras. Metodologias baseadas em teatralidade, dinâmicas comunicacionais, cognição corporificada e transcrição não surgem como sugestões externas, mas como respostas coerentes à lógica interna da língua. Elas mostram que aprender Libras significa aprender a pensar de outro modo: com o corpo, com o espaço, com imagens mentais. Significa formar um hábito visual que permita ao aprendiz criar sentido no sinal e no movimento.

Assim, reconhecer a Libras como território linguístico e cognitivo não apenas amplia nossa compreensão das línguas de sinais, mas também nos convida a repensar nossos próprios modelos de cognição. O que se vê, no fim, é uma língua que desafia fronteiras, entre linguística e cognição, entre corpo e mente, entre percepção e linguagem. Uma língua que não apenas comunica, mas revela outras formas possíveis de pensar o mundo. Uma língua que nos obriga a ampliar a teoria para que a experiência humana, em toda a sua diversidade sensorial e simbólica, caiba dentro dela.

5. Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. A construção dos sinais e sua mobilidade específica. In: SOFIATO, Cássia Geciauskas et al. *Língua Brasileira de Sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos*. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica – UFSCar, 2013. Cap. 2, p. 25-40. Disponível em: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM_libras.pdf. Acesso em: 17 set. 2025.



- ALBRES, Neiva de Aquino; SILVA, Elaine Aparecida de Oliveira da; TERRAZAS, Carlos Magno Leonel; SANTIAGO, Vânia Aquino Albres. Traduzir criando: construir sentidos elaborando sinais-termos. *TradTerm*, São Paulo, v. 45, p. 288-310, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v45p288-310>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/213363>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- BERNARDINO, E. L. A. et al. A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, Goiânia, v. 32, p. e62990, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v32.62990>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/62990>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- CUNHA, Higor Antonio da. Teatro e Libras: contribuições da prática teatral para a educação em língua de sinais. *Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 76, p. 1-13, 2023. DOI: 10.22456/2238-8915.135028. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/135028>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. *Libras em contexto: curso básico – livro do professor*. 6. ed. Brasília, DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos; MEC/SEEP, 2007. Disponível em: <https://jucienebertoldo.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/libras-em-contexto.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1994. Trad. Sandra Costa.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 257 p.
- MASCARENHAS, G. *A ação mímica: princípios e poéticas da mímica corporal dramática de Étienne Decroux* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020. 175 p. (Pesquisa em Artes). ISBN 978-65-5630-372-7. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786556303727>.
- MORETT, Laura M. Lending a hand to signed language acquisition: enactment and iconicity enhance sign recall in hearing adult American Sign Language learners. *Journal of Cognitive Psychology*, v. 27, n. 3, p. 251-276, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2014.999684>.
- PEREIRA, Silvana Langhi Pellin; LIMBERTI, Rita de Cássia A. Pacheco. A relação entre a iconicidade e os classificadores na Língua Brasileira de Sinais. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 162-177, 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 218 p.
- RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística cognitiva e línguas de sinais: por uma tradução visuo-corpórea-espacial. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 191-210, jan. 2021.
- SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flavia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. *Revista Linguística*, v. 21, n. 2, p. 93-113, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- SOUSA, M. P. de; RIBEIRO, D. L.; SOUZA, P. da S. Estratégias interpretativas em Libras para surdos utilizadas em ambiente educacional. *Revista Cocar*, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2902>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. Perspectivas múltiplas em poemas em Libras. *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 41, n. 1, p. 149-161, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47250/intrell.v41i1.p149-161>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/v41p149>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349-382, 2021.